

JOSÉ DE ALMADA NEGREIROS



3
teatro

OBRAS COMPLETAS

teatro

1971
EDITORIAL ESTAMPA
LISBOA

JOSÉ DE ALMADA NEGREIROS



3
teatro
OBRAS COMPLETAS

Copyright

Herdeiros de José de Almada Negreiros

Todos os direitos para esta edição estão reservados pela
Editorial Estampa, Lda., conforme a legislação em vigor.

DESEJA-SE MULHER

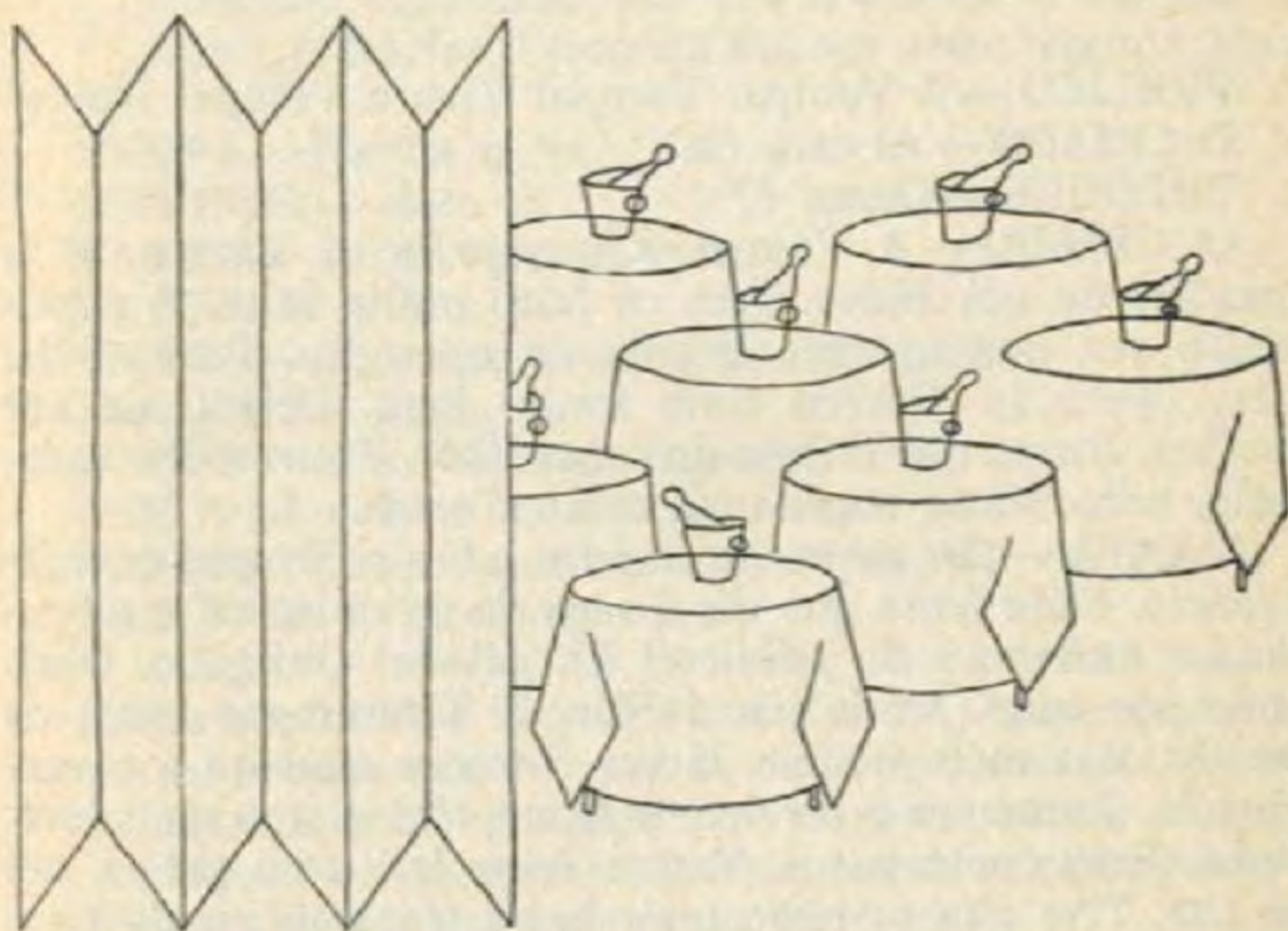
$1 + 1 = 1$

Espectáculo em 3 actos e 7 quadros

À Sarah Affonso

PRIMEIRO ACTO

PRIMEIRO QUADRO



(«Boîte de nuit». Pequenas mesas redondas com os baldes do gelo. Um grupo de «girls» o mais despidas possível dança um número de variedades avançando entre as mesas.

Um criado de cabelo branco empastado de cosmético, farda vermelha e galões de ouro, atende o freguês que está só a uma mesa.)

Vem o criado com o «menú». Faz correr um biombo que os encobre do público. O biombo vai-se tornando transparente e através fica a única luz em cena na montra de loja de modas com dois manequins de comércio em traje de bodas. O seu único movimento consiste em voltar-se cada um levemente enquanto fala para o outro. Ouve-se uma caixa de música.)

NOIVO — Até que enfim chegou o nosso dia!

NOIVA — O dia que sempre esperámos!

NOIVO — Já hoje ficamos em nossa casa!

NOIVA — A nossa querida casinha!

NOIVO — De manhã dá-lhe o sol de lado. Do outro lado dá-lhe o sol de tarde!

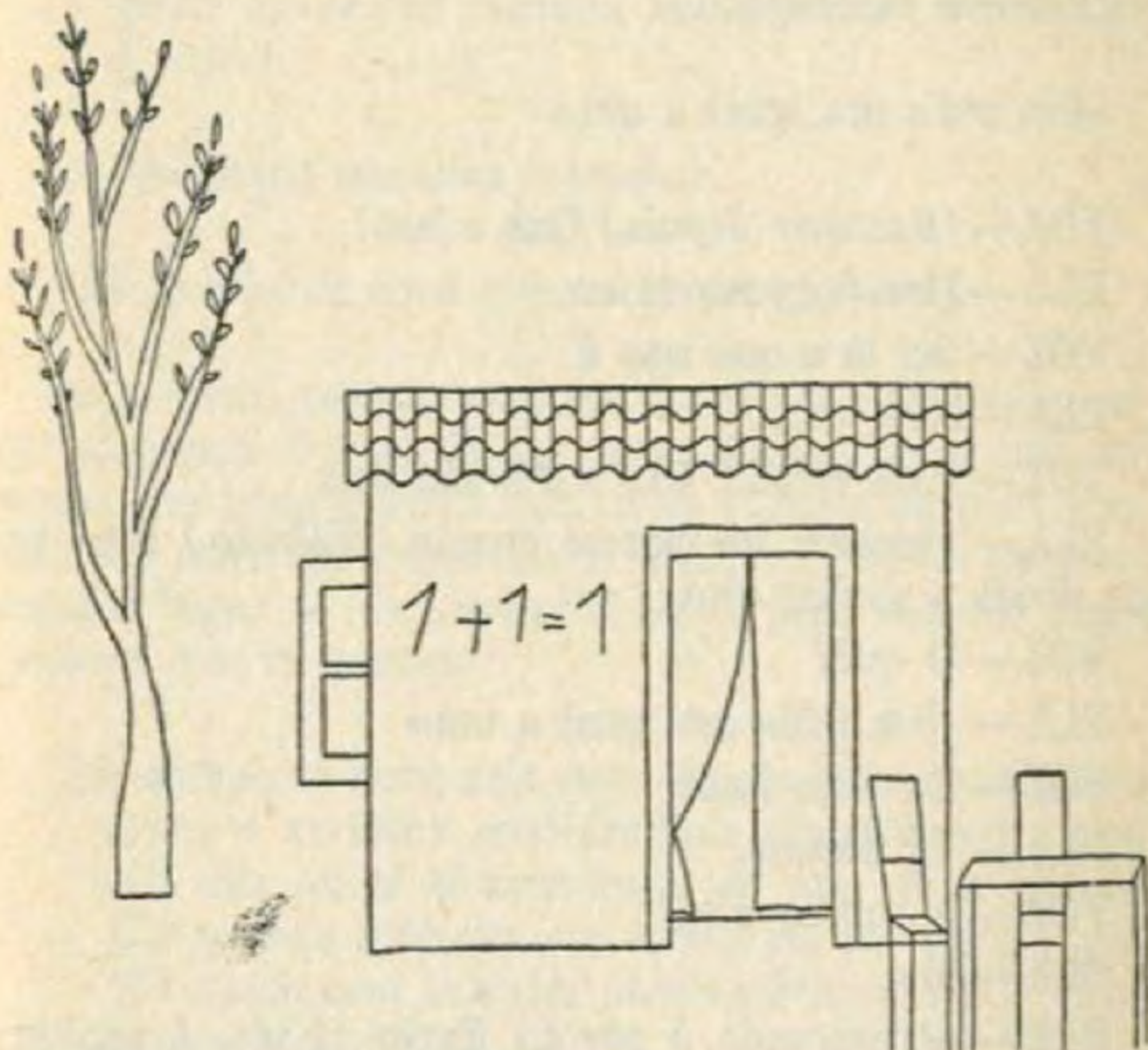
NOIVA — É nosso o sol todo o dia.

NOIVO — Todo o dia e toda a noite! Todos os dias e todas as noites! Pra sempre!

NOIVA — Pra sempre! São as palavras de que mais gosto nas nossas bocas!

PANO

SEGUNDO QUADRO



*(Uma casita isolada no campo. Mesa e duas cadeiras
diante da casa. Árvore ao lado.*

*Vampa acaba de escrever na parede em grande núme-
ros $1 + 1 = 1$.*

Toca um despertador.)

taram todos. *(Começa de joelhos a apanhar tudo o que lhe caiu da carteira.)* Que queres que eu lhe diga?

ELA — Diz a todos que a Vampa morreu. Para sempre.

A MULHER — Também tu? Enamorada!? Pobre Vampa, o que fizeram de ti. Juro-te que esta não esperava eu. A Vampa! A mascote de nós todas. A que ia adiante de todas. Lembra-te de ti, Vampa! Ele não vê senão a ti. Ele não sabe onde gastar o que ganha. Deixa lá o resto, Vampa, deixa lá o resto. Tudo o que tu quiseses ele faz-te. Não tenhas dúvidas, tudo. Não percas esta ocasião. Não sejas doida. A mim, e é só por tua causa... Vês este anel? Uma esmeralda deste tamanho. A independência.

(A outra volta a sentar-se com a cabeça sobre as mãos, como ele a pôs e a deixou.)

Não há dúvida: está roto o mundo. Não és só tu nesse estado. A «princesa», lembras-te?, aquela loira muito fininha que diziam ter ainda sangue azul. Pois essa mesma. Deixou o secretário da Embaixada, lembras-te?, aquele ricoço das Américas, por um estudante qualquer. Um menor. Por amor, dizem ambos. Claro está, num quartinho alugado. A maior miséria. E aquela que vivia à grande com aquele do Ministério... *(Ela tem um soluço mínimo.)* Mas não te rales. *(Senta-se a seu lado e diz-lhe ao ouvido:)* Eu conheço uma senhora estrangeira, o que há de mais sério. Ela conhece o segredo antigo prà gente ter aquele que quiser. São uns pòzinhos brancos. Uma colherzinha na água. Não se conhece nada. E pronto. A sala dela está cheiinha de retratos de pessoas agradecidas. E quando não dá resultado, ela torna a dar o dinheiro.

PANO

TERCEIRO QUADRO

